CADERNOS do APLICAÇÃO
Pesquisa e Reflexão em Educação Básica

ISSN 2595-4377
https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao
Porto Alegre | v. 36 | n. 1 | jan./jun. 2023
https://doi.org/10.22456/2595-4377.131272

>> Temática Especial 1

# *Corpos Interditos*: maternidade e objetificação do corpo negro feminino, sob o olhar da Antropologia e Literatura

Mariana Ribeiro de Oliveira[1]
Marcia Cristina Roque[2]
Adauto Locatelli Taufer[3]

**Resumo:** Ao longo dos anos, foram criadas na literatura diversas personagens baseadas nos estereótipos de raça, que estão presentes desde o desenvolvimento do ideário nacional brasileiro. Sendo as artes um fator essencial para a persistência de discursos, elas tornam-se um rico objeto de estudo para se compreenderem as estruturas dos estereótipos raciais no Brasil. No seguinte artigo, trataremos essencialmente sobre a representação da maternidade e do aspecto sexual das personagens femininas negras, justamente por serem elas intrinsecamente ligadas a um processo de sexualização - no caso da figura da mulata - ou às características maternas - no caso da mãe preta. Ao colocar as obras de autores brancos lado a lado com as de autores negros, percebe-se como as personagens se tornam mais complexas da experiência negra. Assim, é possível reconhecer a literatura afro-brasileira não apenas pela qualidade estética, mas também pelo seu potencial como contraponto aos estereótipos e discursos raciais tão fundamentais ao nosso Estado Nacional, e que se mostra como fator restritivo à subjetividade das experiências negras e como arma para a permanência de um discurso colonial homogêneo que auxilia a sustentação de práticas racistas.

**Palavras-chave:** Literatura Afro-brasileira. Personagens Femininas Negras. Representação. Estereótipos

# *Forbidden Bodies:* Motherhood and Objectification of the Black Female Body from the Perspective of Anthropology and Literature

**Abstract:** For years, there has been the creation of characters based on race stereotypes which date back to the early development of a Brazilian national idea. Since the arts are essential for the persistence of discourses, they are a vast field of study to understand the structures of race stereotypes in Brazil. In this paper, we are going to deal with the representation of maternity and of sexuality related to female black characters, mainly due to the fact that they are strongly connected to a sexualization process - such as the “mulata” - or to maternal characteristics - such as the black nanny. When we analyze the works of black and white authors, it is possible to notice that the representations resulting from a black experience are more complex. Thus, it is feasible to recognize African-Brazilian literature not only due to its aesthetic quality, but also as a counterpoint to racial

[1]Aluna da Graduação do Curso de Ciências Sociais. E-mail: marioliveira29.mr@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-3606-9963
[2] Doutora em Literatura Brasileira. Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: marciaroque.lit@gmail.com. ORCID: http://orcid.org/0000-0003-4646-9069
[3] Doutor em Letras. Professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: adautotaufer@gmail.com. ORCID: http://orcid.org/0000-0001-5855-4792

discourses and stereotypes which are deeply rooted in our National State and that pose themselves both as a restriction to the black experience subjectivity and as weapon to the permanence of a homogeneous colonial discourse that helps racism to exist.

**Keywords:** African-Brazilian Literature. Black Female Characters. Representation. Stereotypes

## *Cuerpos prohibidos:* maternidad y coisificación del cuerpo femenino negro, sobre perspectiva de la Antropología y la Literatura

**Resumen:** A lo largo de los años, personajes han sido escritos en la literatura basados en estereotipos raciales que han estado presentes desde el desarrollo del ideario nacional brasileños. Siendo las artes un factor esencial para la persistencia de los discursos, se convierten en un vasto objeto de estudio para comprender las estructuras de los estereotipos raciales en Brasil. En el siguiente artículo nos ocuparemos esencialmente de la maternidad y el aspecto sexual de los personajes femeninos, precisamente porque son personajes ligados a la sexualización - en el caso de la figura mulata - o características maternas - en el caso de la madre negra - y cómo estas representaciones están presentes tanto en el arte como en la vida cotidiana. Al poner las obras de los autores blancos junto a las de los autores negros, se puede ver cómo los personajes se vuelven más complejas. Así es posible reconocer la literatura afrobrasileña no sólo por su calidad estética, sino también lograr el paro de la reproducción de estereotipos y discursos raciales tan fundamentales para nuestro estado nacional, que demuestra este restrictivo factor de subjetividad de las experiencias negras y como arma del discurso colonial que ajuda a sustentar prácticas racistas.

**Palabras claves:** Literatura Afro Brasileña. Personajes Femeninos Negras. Representación. Estereotipos

## 1 Introdução

*A voz de minha filha*
*recolhe todas as nossas vozes*
*recolhe em si*
*as vozes mudas caladas*
*engasgadas nas gargantas.*
*A voz de minha filha*
*recolhe em si*
*a fala e o ato.*
*O ontem – o hoje – o agora.*
*Na voz de minha filha*
*se fará ouvir a ressonância*
*o eco da vida-liberdade.*
(Conceição Evaristo - Vozes Mulheres)

O poema de Conceição Evaristo, chamado "Vozes Mulheres", apresenta eu-lírico feminino que retoma a ancestralidade da sua linhagem de mulheres até sua própria experiência como mãe, desde a infância perdida de sua bisavó aprisionada em um navio negreiro, até a experiência de sua filha, que carrega a marca de tantas mulheres e o grito de tantas gerações rumo à liberdade. A experiência tão singular das vivências femininas negras no Brasil permeia as diversas áreas da arte, porém, por muitos anos, as suas histórias e vidas foram escritas por mãos brancas, perpetuando os estereótipos raciais oriundos dos discursos

coloniais através da construção de tantas personagens típicas nas narrativas da ficção brasileira.

Neste trabalho, analisamos especificamente as figuras da mulata e da mãe preta, figuras que são transpostas das páginas dos livros para o imaginário popular, e como são desenvolvidas as suas possibilidades e situações reprodutivas em comparação à representação criada por mãos negras. Toda a análise tem como base análises antropológicas em trabalhos sobre raça no Brasil e sua relação direta com o planejamento de nação levado a cabo pelo Estado Nacional.

Este artigo é parte de um estudo maior[4], inserido em um grupo de pesquisa que está analisando os personagens negros na literatura brasileira em diversos momentos da nossa produção literária, sendo este trabalho especificamente um recorte que compara o final do século XIX com produções contemporâneas. O objetivo das análises aqui apresentadas é fornecer ao educador subsídios que lhe permitam ampliar as possibilidades de apresentação dos textos aqui discutidos em contextos da Educação Básica, promovendo o diálogo crítico e a formação de leitores ciosos das armadilhas da representação.

## 2 Literatura: dos tempos coloniais à república

O Estado Brasileiro não apenas é construído em um contexto patriarcal pautado pela moral cristã ocidental, como também tem, no bojo de seu projeto de nação, o racismo. Tal ideia foi desenvolvida por Giralda Seyferth, que traça o histórico da ideia de raça e do surgimento do racismo no país no artigo *A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos* e analisa esse contexto tão específico do planejamento da nação brasileira:

> O racismo chegou ao Brasil, na condição de ciência, nas últimas décadas do século passado *[século XIX]*; e o pressuposto determinista contido na idéia de raça aqui divulgada foi aceito pelos homens de ciência e incorporado ao discurso político. Também neste nosso país tropical se manifestou a "vocação prática" do racismo para planejar a nação: um Brasil moderno, branqueado através do amplo incentivo à imigração européia. (SEYFERTH, 2018, p. 179)

A autora também analisa o surgimento da ideia de raça e como essa "invenção" coloca-se como fruto dos determinismos raciais europeus e estadunidenses "na presunção da superioridade da civilização moderna", o que se constrói no bojo das ideias eugenistas, como mostra Seyferth:

> A questão racial começou a fazer parte do discurso dos sábios e políticos, de forma mais sistemática, a partir de meados do século XIX — 1850 data não só o fim do tráfico negreiro como a formulação de uma política imigratória mais consistente, implícita na Lei 601, a Lei de Terras. Abolição e imigração são dois temas discutidos juntos — a escravidão condenada como impecílio ao desenvolvimento econômico e à imigração, e, por conse guinte, à civilização. Neste discurso, os negros e mestiços representam as raças inferiores que dificultam a construção de uma nação

[4] O projeto de pesquisa "**ABRINDO FISSURAS NO CÂNONE LITERÁRIO : PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM LITERATURA AFRO-BRASILEIRA"** é coordenado pelos professores Dra. Marcia Cristina Roque e Dr. Adauto Taufer, é desenvolvido no Colégio de Aplicação da UFRGS, e visa analisar a representação dos personagens negros na literatura brasileira e na afro-brasileira, propondo práticas e reflexões acerca dos textos.

> moderna — indivíduos incapazes de competir livremente no mercado de trabalho (SEYFERTH, 2018, p. 179)

A partir dessas ideias, desenvolveram-se os discursos de superioridade racial no Brasil e um incentivo à imigração europeia e, paralelamente, a miscigenação caiu em um paradoxo: era apenas estimulada se os traços negros dos indivíduos fossem diminuídos ao longo da linhagem. Nesse contexto, cria-se uma teia discursiva que justifica o processo de escravização negra e rebaixa o negro como sub-raça, fazendo uso da força do estereótipo para que as posições sociais hierárquicas se constituíssem e se mantivessem legando ao negro a posição de objeto e destituindo-o da capacidade de se autorretratar e à sua subjetividade. Como observado por Homi Bhabha, em *O Local da Cultura:*

> Reconhecer os estereótipos como um modo ambivalente de conhecimento e poder exige uma reação teórica e política que desafia os modos deterministas funcionalistas de conceber a relação entre o discurso e a política. A analitica da ambivalencia questiona as posições dogmáticas e moralistas diante do significado da opressão e da discriminação. (BHABHA, 1998, p. 106)

A partir de Bhabha é possível compreender como a produção discursiva por parte da cultura se configura como um importante mecanismo de poder. Como Raymond Sayers, em *O Negro na literatura brasileira*, tipificou as personagens negras da a literatura nacional em sua análise: "o negro sofredor, que se revolta com a condição de escravo; o escravo fiel, espécie de anjo da guarda do senhor e de sua família; a mãe negra, dilacerada entre a felicidade da maternidade e a tragédia do cativeiro; e, sobretudo, a bela mulata." (SAYERS *apud* DEIAB, 2006, p. 78) Tal categorização e a análise, através do discurso literário, são essenciais para se entender a operação dos discursos, como perceberemos ao longo deste artigo, neste caso, como uma arma de dominação e opressão que é culturalmente perpetuada.

## 3 *A Mulata*

A figura da mulata é de grande relevância para se entender a mentalidade brasileira em relação ao corpo negro feminino. Lélia Gonzalez posiciona a mulata como figura essencial ao mito da democracia racial. Essa figura é repleta de sensualidade, "folclorização e comercialização da cultura negra brasileira", como afirma Lélia Gonzalez, em *Por um Feminismo Afro Latino Americano* no ensaio *Cultura, etnicidade e trabalho*:

> [...] o termo "mulata" implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada "produto de exportação", ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais. Temos aqui a enganosa oferta de um pseudomercado de trabalho que funciona como um funil e que, em última instância, determina um alto grau de alienação. Esse tipo de exploração sexual da mulher negra se articula a todo um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira. (GONZÁLEZ, 2020, p. 44)

A mulata possui uma posição muito peculiar na mentalidade brasileira, como identificado no provérbio popular "A negra no fogão, a mulata na cama e a branca no altar"[5].

[5] Gilberto Freyre. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro, Record, 1933/2001

Esse discurso, e suas variações, como "Preta para trabalhar, mulata para fornicar e branca para casar", deixa claro que a ideia de um "caminho do meio" entre negros e brancos é falsa, pois os lugares sociais estão bem demarcados no imaginário popular reforçado pela propagação desse tipo de discurso. A mulata, contudo, possui uma dupla face, ela é a rainha do samba, é quase um símbolo nacional, e é enaltecida durante o carnaval, justamente uma das maiores manifestações culturais brasileiras. Entretanto, González (2020) é certeira ao demonstrar que tais discursos de exaltação à mulher negra são mais uma faceta do racismo estrutural e da violência para com a população negra feminina:

> O mito que descrevemos aqui é o da democracia racial, já que é exatamente no momento do ritual do Carnaval que o mito assume todo o seu impacto simbólico. É nesse momento que a mulher afro-brasileira se transforma em uma soberana, naquela "mulata, minha rainha do samba" [...] É durante os desfiles das escolas de samba que a mulata, em seu esplendor máximo, perde o anonimato e se transforma em uma Cinderela: adorada, desejada e devorada por aqueles que foram até lá justamente para cobiçá-la. Sabendo que amanhã sua fotografia estará nas páginas de todos os jornais e revistas internacionais, elogiada e admirada pelo mundo inteiro, ela segue magicamente, mais e mais brilhante naquele espetáculo luminoso. (GONZÁLEZ, 2020, p. 80)

A mulata beira ao arquétipo, na literatura é adornada de fatores estéticos, esse símbolo brasileiro não é colocado apenas como uma projeção social, mas como um pilar essencial para a cristalização dos estereótipos de raça na mentalidade brasileira. Em *A Invenção da Mulata,* a antropóloga Mariza Corrêa elabora uma análise da "figura mítica e imaginária da mulata" para pensar a construção desse sujeito.

> Saindo do universo das definições de sexo, ela se torna gênero em dois sentidos: a mulatice é um gênero de ser, consagrado por Di Cavalcanti ou Sargentelli, entre outros como o equivalente a um gênero literário e a mulata é uma figura engendrada, culturalmente construída num longo processo histórico que a opõe seja às figuras femininas que são moeda corrente em nossas pesquisas, seja às figuras masculinas que se opõem a elas (opondo-se, ao mesmo tempo, ao Branco e ao Negro). (CORRÊA, 2010, p. 48)

Esse *gênero de ser* que Corrêa analisa inaugura-se na literatura brasileira com Gregório, de Matos[6], como em "mulatos desavergonhados", em que o autor cita a presença dos brasileiros filhos da mestiçagem. Matos realiza uma constante comparação desses com os brancos, como no poema *Catona*:

É parda de tal talento
que a mais branca, e a mais bela
deseja trocar com ela
a cor pelo entendimento

É um prodígio, um portento[7]

[6] QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira.
[7] Obra Poética, de Gregório de Matos, 3ª edição, Editora Record, Rio de Janeiro, 1992. *In:* LITERATURA BRASILEIRA Textos literários em meio eletrônico Obra Poética de Gregório de Matos

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131272

Este *portento* se dá justamente pela comercialização do corpo sensual negro, como colocado por Gonzaléz, apresenta o desejo fisico do eu-lírico de forma que até mesmo a mulher branca ansiaria ter este corpo para alcançar a atenção masculina. Analisando-se o contexto de produção no qual se insere Gregório de Matos, segundo Alfredo Bosi (1992), temos um homem que fez, durante bastante tempo, parte de uma elite que usufruía de status e privilégios antes que a Bahia fosse "tocada pela máquina mercante". Sendo assim, percebe-se a naturalização dessa objetificação do corpo negro como parte do universo do qual o poeta é parte: a elite escravagista.

Já refletindo sobre os discursos e as ideias positivistas europeias, Aluísio de Azevedo escreve o seu próprio romance de tese, obra que propõe comprovar as teorias naturalistas, posicionando os personagens de forma que representassem tipos sociais. *O cortiço,* publicado em 1890, apresenta muitos estereótipos, entre eles duas mulheres negras. Bertoleza, que trataremos posteriormente ao abordarmos a Mãe Preta, e Rita Baiana, criada inteiramente sob os estereótipos da mulher negra entendida como "mulata".

> Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. (AZEVEDO, 2016, p. 70)

No início da narrativa, Rita tem uma relação amorosa com o mestiço Firmo, mas a desfaz na medida em que se envolve, não apenas sexualmente, mas, emocionalmente, com Jerônimo, o imigrante português casado que se torna amante de Rita, posteriormente abandonando sua família. Jerônimo representa a ideia defendida como uma tese social por Azevedo, um processo de 'abrasileiramento' do europeu. Nesse sentido, pensar o cortiço como uma representação do Brasil, tal espaço, bem como o seu relacionamento com Rita, prejudicam o desenvolvimento de Jerônimo. Pensando acerca das teorias deterministas da época: o homem não nasce mal, mas o meio o corrompe; e esse ideário é aplicado ao desenvolvimento de Jerônimo, que, ao final da narrativa, assassina Firmo devido ao seu antigo envolvimento com Rita, mostrando-se claramente corrompido e "abrasileirado". O casal Rita e Jerônimo termina junto no final da obra e, mesmo tendo uma vida sexualmente ativa durante toda a narrativa, Rita nunca engravidou e não teve filhos com Jerônimo.

Assim como Rita, Gabriela, personagem de Jorge Amado, possui o mesmo encantamento e a sensualidade da mulher negra latino-americana, sendo a protagonista do livro de Amado, publicado em 1958 e intitulado *Gabriela, Cravo e Canela*. O autor não poupa metáforas que relacionam Gabriela com os frutos e as especiarias do Brasil, desde o título, no qual emprega a palavra cravo pelo seu perfume, canela, por sua cor, até a pitanga, que descreve a cor dos lábios da personagem. Ambientado em Ilhéus, nos anos 1920, a obra narra a história do casal Gabriela e Nacib, homem descrito como "brasileiros das arábias" devido à sua origem árabe, que contrata a protagonista como cozinheira em seu negócio e acaba se apaixonando pela sensualidade, pela liberdade e pelo exotismo tão característicos na mulher afro-latino americana.

Gabriela e Nacib se casam, mas a união passa por diversas turbulências. Durante o casamento, ela se mostra infeliz, queixa-se por perder a alegria de cantar e dançar, o que leva ao principal motivo para a anulação do casamento: Gabriela trai Nacib, atestando como a personagem não se adapta à vida de casada. Tem-se aqui mais um paralelo com Rita Baiana, que, em certo momento da obra naturalista, deprecia o casamento: "Casar? Livra! Para quê? Para arranjar cativeiro?" (AZEVEDO, 2016, p. 75). Tem-se aqui uma confirmação do provérbio popular, pois o casamento é direcionado apenas para as mulheres brancas, mulheres mulatas carregam a inaptidão à fidelidade, assim, carregam o fardo da relação sexual não compromissada.

No final da narrativa de Amado, Gabriela e Nacib voltam a ficar juntos, levando-os a uma negociação em que Nacib trabalharia melhor seu ciúme e sua possessividade, e Gabriela teria mais liberdade para se divertir, cantar e dançar, porém sempre voltaria para casa para esperar o marido à noite, o que levaria à a plenitude e ao gozo total do casal: "Com Gabriela: todas as vezes que não tinha mulher e chegava em casa sem cansaço e sem sono. Mais com ela, talvez, do que com as outras. Porque nenhuma se lhe comparava, tão fogosa e úmida, tão louca na cama, tão doce no amor, tão nascida para aquilo." (AMADO, 1961, p. 449)

Essa lógica, simplificada pelo ditado, entre o casamento e a relação sexual é baseada em princípios católicos e burgueses, nos quais a separação entre prazer e compromisso é cristalizada. No contexto de herança da escravidão, é evidente como a mulher branca é o símbolo da instituição do casamento, da relação procriativa e cristã por essência, em que há a necessidade de virginidade, símbolo de pureza, enquanto as mulheres negras seriam apenas aptas para relações pautadas pelo prazer, pelo pecaminoso. Ilma Fátima de Jesus e O. Oluwafemi, em *A mulata é a tal?,* apontam como "o ato sexual entre o homem branco e a mulher negra não é encarado como sexo normal; essa é a razão da palavra 'trepar', que qualifica o coito como um ato animal" (JESUS e OLUWAFEMI *apud* GONZALEZ 2020, p. 165). A ideia de um *ato animal é* entendida com a origem do termo mulata, como um híbrido fruto do acasalamento entre um jumento e um cavalo.

A interrupção da linhagem através da figura da mulata está diretamente relacionada com as ideologias nacionais de embranquecimento da população. Essas personagens só possuem os finais socialmente autorizados para suas vidas, não são condenadas à morte como personagens pecaminosas ou rebeldes como as normas da época do romantismo. A não continuidade da geração não apenas estabelece a posição de objetificação de seus corpos mas também condizem com o fato de serem o ideal positivo da mestiçagem, devido a não continuidade da estirpe.

## 4 *A Mãe Preta*

É interessante percebermos a recorrente presença da "Mãe Preta" na literatura infantil brasileira, Rafaela Deiab analisa o histórico dessa figura na cultura brasileira e também a sua aparição nas artes, relacionando o motivo desse arquétipo na literatura para crianças:

> Os movimentos literários a que pertenciam os literatos que produziram versões da mãe preta inserem-se em diferentes contextos histórico-culturais, que se concentram durante a Primeira República e na Era Vargas. Dessa forma, obra literária e contexto se implicaram mutuamente. [...] Na Primeira República, havia a preocupação de fazer do

> Brasil – racialmente mestiço, recém-saído da monarquia e da escravidão – um país "civilizável". A Monarquia era, então, associada à escravidão, na mesma medida em que a República à civilização. Mas essa civilização era definida por padrões estrangeiros, cosmopolitas e burgueses. Como admitir e repensar essa população brasileira mestiça, analfabeta e de hábitos "popularescos" (e pouco civilizados) como formadora de uma nação? (DEIAB, 2006, p. 80)

Não apenas na literatura infantil, mas na literatura do romantismo a mãe preta sempre esteve presente. Como a personagem da boa Bá em Moreninha de José de Alencar e a própria Mãe, Suzana de Maria Firmina dos Reis, essa última pode ser analisada como uma figura que dá voz ao sofrimento negro, justamente por ser escrito por uma mulher negra, mostra a enceranação da mãe preta que é destituids dos seus filhos para amar somente a sinhazinha.

Gilberto Freyre, em "Casa Grande & Senzala" (2001), analisa a figura da ama negra e a descreve como a mãe preta, aquela que substitui a mãe branca, que não se ocupa dos deveres de progenitora. Por isso, a transmissão da cultura negra se faz presente, pois são as histórias da cultura da mãe preta que serão ouvidas pela criança branca, mas isso não significa que a escravizada será parte da família, ou ainda, libertada. Nesse sentido, entende-se que ela era como uma "agente civilizadora" na sociedade brasileira, como colocado por Deiab (2006, p. 81) "No sentido de que era responsável por uma certa socialização das crianças". Essa problemática devido à socialização das crianças por meio da presença na primeira infância de tantas pessoas brancas é também avaliada por Lélia Gonzalez, em que a mulher negra não é a mãe preta, ela é a mãe.

> É interessante constatar como, através da figura da "mãe preta", a verdade surge da equivocação. Exatamente essa figura para a qual se dá uma colher de chá é quem vai dar a rasteira na raça dominante. É através dela que o "obscuro objeto do desejo" (o filme do Buñuel) acaba se transformando na "negra vontade de comer carne" na boca da moçada branca que fala português. O que a gente quer dizer é que ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como querem alguns negros muito apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe . Porque a branca, na verdade, é a outra. (GONZALEZ, 2020, p. 87)

Uma das obras mais famosas da literatura infantil é *O Sítio do Picapau Amarelo*, que acompanhou gerações através das publicações de diversas edições dos livros, mas também através de sua adaptação para vários programas de televisão ao longo das décadas. Nos livros de Monteiro Lobato, acompanhamos o sítio de Dona Benta e as aventuras de seus netos quando vão visitá-la e, entre os clássicos personagens, existe Tia Nastácia, que vive no Sítio e possui uma íntima relação com Dona Benta. É apresentada em Reinações de Narizinho como "a negra de estimação que carregou Lúcia [Narizinho] em pequena" (LOBATO, 2019, p. 12). Como outras Mães Pretas elas carregam apenas filhos brancos. Deiab mapeia a relação de Tia Nastácia nas obras de Lobato para identificar qual relação da personagem na família de dona Benta.

> Assim, em linhas gerais, pode-se dizer que "Tia Nastácia" é descrita desempenhando um papel próximo ao de uma empregada doméstica, uma vez que cuida das crianças, cozinha e lava. Mas não se sabe se ela era

> remunerada por tal atividade. A negra, tal como caracterizada na obra de Lobato, sendo muito íntima dos habitantes do Sítio e, ela mesma morando no lugar em que trabalha, assemelha-se mais a uma agregada do que a uma assalariada. (DEIAB, 2006, p. 172)

Retomando a obra *O Cortiço*, outra personagem negra na obra é Bertoleza, mulher retinta, que inicia a narrativa como escrava e é enganada pelo comerciante portugues João Romão e tem um final trágico ao descobrir a verdade, de que nunca havia adquirido sua alforria, e acaba por isso tirando sua vida. Bertoleza não era apenas ajudante de Romão, ela forma o cortiço com ele, é sua parceira no sentido comercial mas também sexual, porém é apenas mantida no ambiente privado. E no momento em que a presença de Bertoleza não é mais positiva para Romão, pois ele quer se casar com uma mulher branca de classe social elevada, almejando a ascensão de seu status, ele denuncia Bertoleza como uma escrava foragida.

Bertoleza era amante de João Romão, mas também seu "faz-tudo" desde a organização financeira à doméstica, sempre longe de ser colocada na posição de esposa ou companheira. E a animalização da personagem não se dá apenas ao ser descartada por João Romão, mas no próprio momento do suicidio, a personagem golpeia seu próprio ventre com uma faca e morre fazendo barulhos animalescos. "E depois emborcou-se para frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue." (AZEVEDO, 2016, p. 292)

Nos casos de Tia Nastácia e Bertoleza são apresentadas relações sociais que precisam de um certo esforço e mapeamento para serem identificadas. A natureza de suas posições nos respectivos ambientes são enevoadas, principalmente no caso de Tia Nastácia, por se tratar de uma obra infantil, na qual o assunto da temática racial sequer é abordado de maneira efetiva, com a personagem transitando pela família como se fosse um membro dela, mas cuja âncora se prendia à cozinha.

## 5 Escritores negros, personagens negros

O maior nome da literatura brasileira é de um homem negro que escreveu obras que relatam com clareza e com refinada ironia a sociedade do país: Machado de Assis. Trataremos aqui, com mais atenção, o clássico *Pai contra mãe*, justamente por ser um dos poucos de seus textos nos quais estão tão explícitos os aspectos da sociedade escravocrata. Passada no Rio de Janeiro durante o segundo reinado, a trama conta a história de Cândido Neves, um homem branco que deseja formar uma família com Clara, que, porém, está passando por dificuldades financeiras, e mesmo assim eles concebem um filho e o dinheiro fica ainda mais restrito. Com muito pesar, Cândido é obrigado a deixar o filho na *Roda dos Enjeitados*, local para deixar filhos indesejados. Assim, no caminho para o local, Cândido encontra uma escrava foragida, cuja captura renderia dinheiro suficiente para manter o seu filho junto com a família. Machado nos leva ao ápice da narrativa quando Cândido, o pai branco, entra em conflito com a mulher escrava foragida, Arminda, que resiste e, quando percebe que não conseguiria vencer o embate fisicamente, súplica a Cândido, anunciando que está grávida e teme perder o filho:

> Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz

> mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.
> – Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!
> – Siga! repetiu Cândido Neves.
> – Me solte! (ASSIS, 1992, s.p)

Por se esforçar muito para soltar-se, Arminda acaba sofrendo um aborto, Candido a leva para o seu senhor, recebe o pagamento e volta para casa com seu filho. Machado termina o conto com a seguinte frase:

> Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enjeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.
> – Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração. (ASSIS, 1992, s.p)

Machado, com frieza e ironia, demonstra a quem que a maternidade e a paternidade é permitida. A paternidade só pode ser negada pelos próprios pais, diferente da maternidade, que pode ser delegada, permitida e também contestada por sujeitos externos à generatriz. No caso do conto, a condição de grávida não torna a mulher passível de piedade e compaixão pelo protagonista, mesmo que ele esteja passando por uma situação meramente parecida pelo perigo de deixar seu filho longe da família devido às questões financeiras.

Outra obra na qual o assunto da maternidade interrompida se faz parte da construção da personagem é *Ponciá Vicêncio,* de Conceição Evaristo. Esse romance de formação apresenta a infância e a juventude de uma menina, depois mulher, atravessada pela vivência da escravidão no Brasil, tanto na sua vida quanto no passado de sua família. Ponciá é a primeira da sua geração a não nascer em contexto de escravidão, seu pai era novo quando conseguiu alforria. Porém, a família ainda vive na vila Vicêncio, nas terras dos antigos proprietários da família. Ponciá Vicêncio é uma obra repleta dos mais diversos assuntos relativos à experiência negra no Brasil e às violências subjetivas (e objetivas) para com as vítimas. Em certo momento do livro, após a morte do pai, Ponciá sai do vilarejo para procurar uma vida nova na cidade, pois sabe ler e escrever e poderia encontrar um bom emprego, ao chegar consegue um emprego como doméstica e junta dinheiro para comprar uma casinha e trazer sua mãe e seu irmão para viver com ela, pois a vida na cidade adoece cada vez mais Ponciá e a saudade é recorrente em toda a sua trajetória. Assim começam várias idas e vindas entre os três familiares, pois seu irmão Luandi também vai para a cidade, porém não sabe ler nem escrever, mas, mesmo assim, consegue um emprego de faxineiro na delegacia e a mãe dos dois, ao ficar sozinha na vila, vai para a cidade em busca de ambos para que, só no final da obra, todos se reencontrem e voltem a morar na cidade natal.

Ponciá se junta a um homem que conhece na favela no meio da narrativa, e o casal começa apaixonado, mas, na medida em que o tempo passa, a protagonista começa a sofrer violência doméstica e diversos abortos ao longo da relação. No início, Ponciá tinha vontade de ter filhos, mas depois das recorrentes interrupções involuntárias, ela ficava cada vez mais infeliz e sem vontade de levar a linhagem adiante devido à miséria em que seus iguais viviam:

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131272

> Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau a pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam. E esta era a condição de muitos. Molambos cobriam o corpo das crianças, que até bem grandinhas andavam nuas. As meninas não. Assim que cresciam um pouco, as mães providenciavam panos para tapar-lhes o sexo e os seios. Crescera na pobreza. Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. (EVARISTO, 2020, p. 74)

Durante esse devaneio, Ponciá começa a pensar sobre suas vizinhas e como eram as experiências trágicas de suas maternidades, como o caso de Sá Itá que tinha cinco filhos, e o seu mais velho estava sempre doente, o médico dizia que era alguma doença no pulmão, mas a mãe não quis internar o filho, pois como ele provavelmente iria morrer, preferia que morresse ao lado dela. Ou o caso de Durvalina, que tinha sete filhos, e, em uma noite, o bebê de quatro meses chorava muito e seu pai, num episódio de fúria e álcool, pegou a criança e a atirou pela janela. Ou seja, Ponciá não tinha nenhuma perspectiva de uma maternidade saudável e positiva ao redor dela, muito menos no ambiente da cidade que a deprimia mais ainda em comparação com a sua experiência na cidade natal, que poderia ser mais limitada, mas era onde estaria perto de sua família.

A depressão que Ponciá passa durante a estadia na cidade também é notada pelo distanciamento da personagem dos seus, não apenas da presença da sua mãe e irmão mas de suas origens. Desde a infância Ponciá fazia bonecos de barro, assim como seu avô, e a saudade do movimento das mãos no barro se faz presente após sair de sua cidade natal. Sendo essa a primeira comparação apresentada de Ponciá ao seu avô, que o conheceu apenas quando era bebê, mas mesmo assim é lembrado como o primeiro homem que conhecera. Houve um episódio em sua infância que Ponciá fez um boneco de barro sem o braço inteiro, e ao mostrar a seus pais eles não tem dúvida de que aquele era uma representação quase viva de Vô Vicêncio, e assim também inicia-se o hábito de Ponciá de refazer trejeitos de seu falecido avô:

> Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem o barro. Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás. A mãe pegou o trabalho e teve vontade de espatifá-lo, mas se conteve, como também conteve o grito. [...] O que havia com aquela menina? Primeiro andou de repente e com todo o jeito do avô... Agora havia feito aquele homenzinho de barro, tão igual ao velho. Ela havia enrolado o trabalho guardando-o no fundo do caixote. E, mesmo assim, parecia que lá de dentro saía ora risos-lamentos, ora choro-gargalhadas. O que fazer com a criação da filha? O que fazer com o Vô Vicêncio da filha? Sim, era ele. Igualzinho! Como a menina se lembrava dele? Ela era tão pequena, tão de colo ainda quando o homem fez a passagem. Como, então, Ponciá Vicêncio havia guardado todo o jeito dele na memória? (EVARISTO, 2020, p. 12)

Essa figura feita por Ponciá repercute na família, principalmente na mãe da protagonista, a sensação como se o Vô Vicêncio voltasse à vida. O trabalho de Ponciá com barro é tão especial que possibilita até mesmo a (re)criação da vida, ato esse reconhecível aos orixás. Nanã é a orixá que forneceu o barro para a criação dos humanos. Nas palavras de Reginaldo Prandi (2001, p. 19): "Nanã é a dona da lama que existe no fundo dos lagos e com a qual foi modelado o ser humano. É considerada o orixá mais velho do panteão na América." A condição que Nanã impõe para o uso do barro é que o homem sempre volte para sua natureza, voltando à terra que Nanã ofereceu desde o princípio.

Este dom da criação de Ponciá, expressado no barro, é simbólico à sua esterilidade, na medida que é tomada pela consideração que as vidas que poderá conceber sofreriam a miséria tão presente desde sua ancestralidade até sua situação atual. E ao retornar para sua cidade natal junto da Mãe, Maria Vicêncio, e do irmão, Luandi José Vicêncio, que Ponciá volta "ao lugar das águas e lá encontra a substância, o húmus para o seu viver" (EVARISTO, 2020, p. 53). Assim Evaristo encerra este romance de formação colocando a sua personagem de volta para casa, Ponciá se (re)encontra no rio em que buscava o barro para seus bonecos, entendendo-se como "elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio." (EVARISTO, 2020, p. 54).

As obras referidas aqui são apenas alguns exemplos de autores negros que contaram não apenas as suas histórias mas também de seus antepassados. A figura da mulata é superada, deixando de ser esse produto do imaginário sexual ocidental, surgindo como mulher negra, ressignificada pela sua própria autoria. Da mesma maneira, a superação da mãe negra se dá pela recuperação da subjetividade a partir da agência, retirando a camada de romantização do cuidado plenamente por amor e dando luz a uma narrativa para muito além do que a vida no interior da casa dos seus patrões. E, essencialmente, a situação reprodutiva das personagens se entende para fora do padrão estéril, as dificuldades que essas mulheres passam devido à maternidade passam a ser retratadas valorizando-se seu aspecto único, valorizando-se a individualidade de cada caso. Existe a impossibilidade de conceber um filho nos contextos de violências em que vivem, a escolha de não conceber um criança, e há aquelas que se tornam mãe e vivem as alegrias, e também dificuldades, de manter uma vida íntegra para suas famílias. Para as mulheres que desfrutam da maternidade, mostra-se que os filhos são uma perspectiva para o futuro, que elas estão sempre almejando um futuro melhor para sua linhagem, tal qual colocado por Conceição Evaristo em *Vozes-Mulheres.*

A principal diferença entre os personagens criados por autores negros em comparação aos autores brancos é a carga de subjetividade que é inserida nas figuras. Retornamos à obra de Homi Bhabha no trecho em que ele sugere um ponto de intervenção contra o discurso colonial dos estereótipos: "deveria ser deslocado do imediato reconhecimento das imagens como positivas ou negativas para uma compreensão dos processos de subjetivação tornados possíveis (e plausíveis) através do discurso do estereótipo." (BHABHA, 1998, p. 106).

## 6 Por uma educação antirracista

A partir dessas leituras, é possível identificar os padrões das situações reprodutivas que são delimitados para as personagens negras na literatura escrita por brancos. Para a caracterização das mulatas, é essencial a esterilidade, porém, tal traço nunca é algo expresso nas obras, é intrínseca à natureza dessa figura a plena exploração do prazer e nunca a

procriação. Enquanto nas mulheres retintas a figura da Mãe Preta é passível de esterilidade no sentido de garantir que tais personagens não passem por um processo de objetificação sexual na ficção, a sua exploração se dá como mão de obra, com alienação de laços sentimentais.

Os espaços ocupados por essas mulheres nas obras literárias escritas por autores brancos estão relacionados com as funções sociais designadas para essas mulheres desde o projeto de ideário do Brasil como um Estado Nacional. É possível traçarmos os papéis que elas exercem na vida das pessoas brancas ao longo dos anos: na infância, os filhos brancos possuem uma mãe preta para chamar de sua, são cobertos de cuidados e carinhos e, quando crescem, surge outra figura feminina na sua iniciação sexual, a mulata, para que, no fim de um ciclo, ao casarem com mulheres brancas, coloquem seus filhos aos cuidados da mãe preta novamente. Com o auxilio do consumo de produtos midiáticos, por exemplo, na infância, ao assistir e ler as diversas obras em que a mulher negra é posicionada como cuidadora e empregada das familias brancas e, durante a juventude até a vida adulta, a comercialização de materiais que tragam a mera sexualização do corpo negro como se ele fora objeto desprovido de identidade e subjetividade, como se não fosse humano, mas, sim, um produto.

Com essas problemáticas tão preservadas e perpetuadas pelo cânone, tão habitual na inserção de pessoas negras como *peças* na sociedade, que é a partir da literatura afro-brasileira que denuncia esse cenário, deixando de romantizar as violências naturalizadas pela cultura e, também posiciona a população negra em estado de agência, de autoria. Como podemos perceber na nova cena literária atual, com diversas publicações de autorias negras, nomes como Jeferson Tenório, Eliana Alves Cruz, Itamar Vieira Junior, Joel Rufino dos Santos, Marcelo D'Salete são apenas alguns exemplos de autores que compõem essa cena. Com relevância e prestígio, seja no mercado editorial, nos prêmios literários que expandem as narrativas autorais para os mais variados horizontes possíveis. Junto, também, com a retomada de antigos autores em projetos de recuperação de figuras que foram espremidas pelo tempo, como Maria Firmina dos Reis, José do Patrocínio, João Cruz e Sousa, Lino Guedes e outros diversos escritores que operam as fissuras do cânone.

Uma educação que se pretenda efetivamente antirracista busca colocar essas obras escritas por autores negros nas salas de aulas, nos ambientes acadêmicos, e inseri-las nos mais diversos campos, posicionando-as contra a voz hegemônica, podendo usufruir e amplificar a atual cena literária. Nesses termos, analisar essas composições sob viés crítico é contribuição necessária para a formação de cidadãos críticos a partir das práticas dessas leituras.

## Referências

AMADO, Jorge. **Gabriela Cravo e Canela**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.

ASSIS, Machado de. **Pai contra mãe.** Domínio Público. 1992. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/teatro/11-textos-dos-autores/793-machado-de-assis-pai-contra-mae. Acesso em: 22 jan. 2023

AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço.** 1 ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia, 2016.

BHABHA, Homi Kharshedji. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata.** Cadernos Pagu, [S. l.], n. 6/7, p. 35–50, 2010. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860. Acesso em: 13 jan. 2023.

DEIAB, Rafaela de Andrade. **A mãe-preta na literatura brasileira: a ambigüidade como construção social (1880-1950)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006**).**

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Rio de Janeiro: Pallas, 2020. Edição Digital.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** 2001, Rio de Janeiro: Editora Record.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 2020.

JESUS, Ilma Fátima de; OLUWAFEMI, O. Ogunbiyi. A mulata é a tal? *In*: GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 2020.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MATOS, Gregório de. XXX Obra Poética, 3ª edição, Editora Record, Rio de Janeiro, 1992. *In*: **LITERATURA BRASILEIRA** Textos literários em meio eletrônico Obra Poética de Gregório de Matos. Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=122938.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. **Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira.** São Paulo: Ática, 1926.

SEYFERTH, Giralda. **A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos.** Anuário Antropológico, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 175–203, 2018. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6581. Acesso em: 29 mar. 2023.

**Contribuição individual:**
**Mariana Ribeiro de Oliveira**: Conceitualização, Metodologia, Investigação, Análise de Dados, Redação.
**Marcia Cristina Roque**: Conceitualização, Metodologia, Investigação, Orientação, Redação.
**Adauto Locatelli Taufer**: Conceitualização, Metodologia.

**Data de submissão:** 30/03/2023
**Data de Aceite:** 31/07/2023